



Agricultura Familiar:

Pesquisa, Formação e Desenvolvimento

RAF. v.18 , nº 02 / jul-dez 2024, ISSN 1414-0810 / E-ISSN 2675-7710

ECOVILAS: HISTÓRIA, PRÁTICAS ECOLÓGICAS E A BUSCA POR UMA 'NOVA' ECONOMIA

ECOVILLAGES: HISTORY, ECOLOGICAL PRACTICES AND THE SEARCH FOR A 'NEW' ECONOMY

Sabrina Braide Tartaglia, Esp. e Agrônoma, IFBaiano, sabrina.tartaglia@hotmail.com
Fabricio Pereira da Silva, Doutor, IFBaiano, fabricio.silva@ifbaiano.edu.br

Resumo

As experiências de práticas com baixa degradação ganham notoriedade pelo mundo. As ecovilas são uma dessas experiências, por serem uma alternativa socioambiental de assentamentos humanos e organizadas com base no desenvolvimento sustentável. O trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável tem como objetivo apresentar práticas agroecológicas utilizadas em ecovilas, por meio de um levantamento bibliográfico. Espera-se assim, conhecer seu modo de vida e seus costumes em prol da manutenção do meio ambiente, além de atividades de preservação, conservação e proteção do ecossistema, demonstrando também que as Ecovilas são um exemplo de forma de vida sustentável. As condutas das ecovilas estudadas demonstram serem viáveis como exemplo para outras comunidades. Dessa forma, o estudo apresenta importância, por ser um estudo pouco difundido e de pouco conhecimento da população e uma alternativa sustentável para as comunidades.

Palavras-chave

Ecovilas; Sustentabilidade; Assentamentos Humanos; Práticas Sustentáveis.

Abstract

Low impact living experiences are gaining notoriety around the world. Ecovillages are one of these experiences, as they are a socio-environmental alternative to settlements organized around sustainable development. This undergraduate thesis tied to the Graduate Course in Sustainable Regional Development aims to present: the agroecological practices used in ecovillages, as recorded a bibliographical research project. The ways of life and customs in favor of maintaining the environment, in addition to preservation, conservation and ecosystem protection activities are discussed. This work also demonstrates that Ecovillages are an example of a sustainable way of life. The ecovillages studied show that they are viable as an example for other communities. In this way, this study is important; this research is not yet widespread and has little knowledge among the population and is a sustainable alternative for communities.

Keywords

Ecovillages; Sustainability; Human Settlements; Sustainable Practices.



INTRODUÇÃO

Um grande desafio que se encontra presente nos dias atuais são as problemáticas em torno do desenvolvimento sustentável. O uso desenfreado de recursos naturais é um exemplo de adversidade para conseguir alcançar o desenvolvimento sustentável. Os debates em defesa do meio ambiente estão surgindo de forma acelerada em diversos setores, em busca de ambientes mais sustentáveis. O debate ambiental ganhou notoriedade na década de 1980. A quantidade de pessoas, organizações e movimentos empenhados em alternativas socioambientais viáveis cresce de forma exponencial, todas seguindo os preceitos de desenvolvimento sustentável (Estrela; Pott, 2017).

A busca por uma vida mais harmoniosa e equilibrada com a natureza entra em confronto com as características da vida moderna. Sendo formada por grupos conhecidos como: alternativos, sustentáveis, ecovilas ou ecoaldeia (Bonfim, 2010). Por consequência, as ecovilas surgiram como uma forma de refúgio para as pessoas que buscavam encontrar um ambiente seguro e equilibrado, agregando pessoas com o mesmo objetivo. Elas se proliferam sustentadas pelo sonho de uma organização sustentável, se enquadrando como uma alternativa socioambiental de assentamentos humanos, organizadas com base no desenvolvimento sustentável e humano, de forma que possam conciliar um ambiente sociocultural, com hábitos de baixo impacto.

O estudo das Ecovilas apresenta uma grande importância, por fornecer um modelo de sustentabilidade, por ser um estudo pouco difundido e de pouco conhecimento da população, assim como podem ser uma alternativa sustentável, mas ainda permanece uma grande lacuna em termos de estudos que avaliem as ecovilas na sua prática. Dessa forma, a pergunta de partida para esse trabalho é: Quais práticas utilizadas pelas ecovilas são capazes de promover o desenvolvimento sustentável?

Dentro deste escopo de estudo, são objetivos: apresentar as práticas agroecológicas existentes em ecovilas do ponto de vista da dimensão ecológica, através de um levantamento bibliográfico. A correlação da pesquisa foi realizada partindo de abordagens teóricas, mediante pesquisas exploratória e descritiva, utilizando o método bibliográfico para a contextualização. Por meio da investigação de práticas agroecológicas desenvolvidas ou utilizadas por meio de moradores das ecovilas no Brasil e na Bahia, de forma a se relacionar com a natureza.



REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Diferentes conceitos das ecovilas

A conceituação das ecovilas é apresentada por vários autores. No Brasil o primeiro livro a abordar o tema foi o de Ricardo Braun em 2001, intitulado “Desenvolvimento ao Ponto Sustentável”, sendo responsável por introduzir a discussão das ecovilas, chamadas também de comunidades sustentáveis. Apresentando a relação com as ecovilas, a ecologia, a permacultura e a espiritualidade. Braun (2001) define ecovilas como comunidades intencionais baseadas num modelo ecológico que focaliza a integração das questões culturais e socioeconômicas como parte de um processo de crescimento espiritual compartilhado (Braun, 2001).

Para Svensson (2002), ecovilas são comunidades de pessoas que se esforçam por levar uma vida em harmonia consigo mesmas, com a terra e outros seres. O propósito é mesclar um ambiente sociocultural sustentável com um estilo de vida de baixo impacto. A ecovila é uma estrutura societária, que vai além da atual oposição entre assentamentos rurais e urbanos: ela representa um modelo amplamente aplicável para o planejamento e reorganização dos assentamentos humanos no século 21 (Svensson, 2002).

A Rede Global de Ecovilas (GEN) conceitua ecovila como uma comunidade intencional ou tradicional que utiliza processos participativos locais para integrar totalmente as dimensões ecológicas, econômicas, sociais e culturais da sustentabilidade, visando à regeneração de ambientes sociais e naturais. Eles consideram as ecovilas como um laboratório vivo, pioneiro em alternativas e soluções inovadoras. Podendo ser rurais ou urbanos, com estruturas sociais vibrantes e diversas, contudo ligadas por um estilo de vida de baixo impacto e alta qualidade de vida (Gen, 2021).

Na visão de Roysen (2013), as ecovilas são comunidades intencionais sustentáveis, isto é, são grupos de pessoas unidas para criar um estilo de vida de baixo impacto ambiental e relações mais cooperativas e solidárias (Roysen, 2013). Com as variadas conceituações, as ecovilas absorveram os princípios e as atividades das várias comunidades ao longo da história, sempre levando em consideração a ecologia, o espiritualismo, o pacifismo, buscando revolucionar a sociedade (Santos Jr., 2006).

São vários conceitos encontrados, e com isso é possível evidenciar a divergência dos autores. Essa pluralidade de concepções se dá devido aos diferentes entendimentos



de sustentabilidade em épocas diferentes, além das ecovilas absorverem os princípios e as atividades de várias comunidades ao longo da história. Entretanto, mesmo com o dissenso entre os autores, é possível afirmar que todas as definições estão correlacionadas ao conceito de sustentabilidade, onde as definições se baseiam nas dimensões social, econômica, cultural e ecológica. Percebe-se assim que elas podem apresentar alterações em cada projeto, em um processo de crescimento e mutação constante.

Histórico das Ecovilas

O termo ecovilas surgiu de movimentos sociais ocorridos a partir dos anos de 1960, que foram marcados pelo movimento de contracultura *hippie* e tentativa de ruptura com o modelo econômico-social existente na época (Pires, 2012). O que antes girava em torno do bem-estar econômico e a coesão social, agora partilha com as necessidades de ordem estética, intelectual e de qualidade de vida. Surgiram as comunidades que se tornaram as primeiras ecovilas (Inglehart, 1999; Lucci, 2010; Theis, 2013).

Em 1965, na Escócia, emergiu o primeiro assentamento humano conhecido como Findhorn, visto por vários autores como o marco para o surgimento de ecovilas, ainda que a mesma não abrangesse sobre sustentabilidade, fator central de ecovilas (Jackson, 1998; Bang, 2005; Dawson, 2006). Para Dawson (2006), a classificação das ecovilas só pode ocorrer depois de ser mencionado no livro “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis”, produzido por Robert e Diane Gilman, sob encomenda para a organização Gaia Trust em seminário temático realizado na Dinamarca em 1991 (Dawson, 2006).

As ecovilas então surgiram no final da década de 1980, com a intenção de oferecer uma alternativa a uma cultura de consumismo e exploração. Um ambiente social e cultural de apoio e de alta qualidade com um estilo de vida de baixo impacto, onde grupos de pessoas comprometidas se juntaram para encontrar soluções para alguns dos desafios que enfrentamos globalmente (GEN, 2020).

Mas, a definição de ecovila só ganhou espaço na década de 1990. E de forma global no “Encontro Internacional Ecovilas e Comunidades Sustentáveis para o século XXI” em 1995, que ocorreu na agora, então, ecovila Findhorn na Escócia, quando reuniu cerca de 400 pessoas provenientes de 40 países distintos, fomentada pelo Gaia Trust. Nesse encontro consolidou-se a criação da rede de ecovilas, conhecida hoje como Rede



Global de Ecovilas – GEN, uma organização responsável pelo cadastramento das ecovilas pelo mundo (Bang, 2005; Dawson, 2006; Jackson, Jackson, 2004; Gaia Education, 2019).

Em 1996, a GEN participou da Segunda Conferência sobre Assentamentos Humanos (HABITAT II), em Istambul, e as ecovilas foram apontadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) como modelo de vida coletiva, reconhecida entre as 100 melhores práticas sustentáveis descritas no relatório ONU-HABITAT (GEN, 2020). A ideia de Ecovilas foi incorporada pelas Nações Unidas no Programa de Desenvolvimento de Comunidades Sustentáveis – SCDP cujo projeto-piloto foi introduzido no Nepal em 1996. Tendo como objetivo principal apoiar a capacidade local das comunidades rurais, visando o desenvolvimento sustentável através do uso de energias alternativas e do gerenciamento ambiental (Bonfim, 2010).

No Brasil, a adesão a esse novo estilo de vida em comunidade começou na década de 1990, de forma menos intensa e tardiamente em relação aos movimentos europeus e norte-americanos. Em 2001, foi lançado o primeiro livro abordando o tema no Brasil, intitulado “Desenvolvimento ao Ponto Sustentável” de Ricardo Braun (2001), abrindo caminho para discutir sobre as ecovilas, tidas como comunidades sustentáveis, e seu relacionamento com a ecologia profunda, a permacultura, o dinheiro alternativo e a espiritualidade.

Contudo, o movimento chegou oficialmente ao Brasil em 2002, quando foi realizado o primeiro Treinamento em Ecovilas, organizado pela Rede Brasileira de Ecovilas – ENA em parceria com instituições brasileiras no interior de São Paulo. Após o primeiro treinamento, ocorreram outras capacitações nos anos seguintes. Esse movimento ajudou a emergir a rede nacional ENA Brasil (Mattos, 2017). Após a ocorrência desses treinamentos, sucedeu-se à criação de algumas ecovilas e à adaptação de outras, para poderem ser consideradas como ecovilas.

Em 2006, foi lançado, em São Paulo, o Programa EDE - Ecovillage Design Education, que no Brasil ficou conhecido como Gaia Education – Design em Sustentabilidade (Mattos, 2017). O currículo elaborado pelo programa abrangia treinamentos sobre ecovilas, e foi concebido por um grupo de educadores ligados ao Movimento de Ecovilas, abordando uma visão geral de aspectos ligados ao desenvolvimento em busca da sustentabilidade.



É notável que, diferente de outras ecovilas pelo mundo, os programas de ecovilas brasileiras se desenvolveram em grandes centros urbanos, como: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Salvador, Porto Alegre, Fortaleza e Belo Horizonte. As ecovilas brasileiras estão cadastradas à Rede Global de Ecovilas – GEN via rede CASA (Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina) e, hoje, têm 40 ecovilas autocadastradas em 2020 na plataforma online. Em consulta à plataforma da GEN em 2020, estima-se que existam mais de 10 mil ecovilas ao redor do mundo e presente em 116 países (GEN, 2020).

Não é fácil identificar com precisão a quantidade de Ecovilas em funcionamento no mundo. Algumas ainda não possuem registros, outras estão localizadas em áreas rurais de difícil acesso e, com isso, não estão cadastradas ainda. Encontram-se, registros de Ecovilas e Comunidades intencionais nas cinco regiões do País: Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais); Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina); Nordeste (Paraíba, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia e Ceará); Norte (Amazonas, Pará e Roraima); Centro-Oeste (Goiás e Distrito Federal) (GEN, 2020).

Atualmente, são diversas iniciativas de ecovilas no Brasil, elas interagem entre si e compartilham os princípios e as experiências. Algumas ainda estão em fase de estruturação e desenvolvimento. É difícil afirmar se uma comunidade é uma ecovila ou não, pois não existem normas ou critérios que a definem, mas algumas características são iguais em todas elas, como a vida em comunidade e a busca pela sustentabilidade.

As ecovilas, mesmo possuindo algumas semelhanças, não possuem uma origem comum, mas são reflexos de vários movimentos e contextos. Entretanto, de acordo com o GEN (2020), não há uma maneira única de ser uma ecovila, mas existem três práticas básicas compartilhadas por todas as ecovilas, as quais são: estar enraizado em processos participativos locais; integrar as dimensões sociais, culturais, econômicas e ecológicas em uma abordagem de sistemas completos para a sustentabilidade; e restaurar e regenerar ativamente seus ambientes sociais e naturais (GEN, 2020).

Na Bahia, as ecovilas ainda são uma novidade e pouco difundidas entre a população, diferente de outras partes do mundo. Algumas ainda estão em construção, outras em reformulação para se adequarem aos princípios básicos de uma ecovila e integrarem oficialmente o movimento. Encontram-se situadas no estado da Bahia,



ecovilas e comunidades intencionais, principalmente nas regiões da Chapada Diamantina e na Costa do Cacau, onde se apresentam em maior quantidade.

Filiadas à GEN, existem duas comunidades (Comunidade Inkiri – Ecovila Piracanga e Comunidade Aldeia – Terra Preta). Já estão filiadas à Rede Casa Brasil há 8 comunidades cadastradas (Terra Mirim, Comunidade Campina, Lothlorien – Centro de Cura e Crescimento, Comunidade Inkiri – Ecovila Piracanga, Comunidade Solaris, Marizá Epicentro de Cultura e Agroecologia e Ecovila Ubuntu e Projeto Gaya) (GEN, 2022; Casa Brasil, 2022).

Redes de ecovilas

As comunidades existentes, mesmo possuindo bases diferentes, estão interligadas através de uma rede que liga essas comunidades umas às outras, tornando-as parte de um mesmo grupo. Apesar da diversidade de ecovilas, elas surgem independentes umas das outras, depois se reconhecem como tal e passam a se organizar na forma de um movimento global.

As ecovilas estão interligadas umas às outras através de instituições, associações e movimentos. Essa ligação é feita por meio de cadastros realizados nessas redes, criando pontes entre governos, ONGs, acadêmicos, empreendedores, ativistas, redes comunitárias e indivíduos para desenvolver estratégias ecológicas para difundi-las em todo o mundo. Sendo assim, é importante analisar o papel das instituições que fazem parte dessa rede que interliga essas comunidades. As principais são evidenciadas a seguir:

Gaia Trust

O objetivo era a promoção de um modo de vida mais espiritual e sustentável, através de cursos e encontros para troca de informações e também financiamento de iniciativas e negócios ecológicos entre comunidades diversas. “O intuito era de promover o movimento das ecovilas como uma estratégia de transformação da sociedade”. A estratégia da Gaia era de trabalhar oferecendo suporte ao movimento das ecovilas através da concessão de valores em dinheiro e investindo capital em empresas sustentáveis para fomentar tal indústria e também criar mais empregos na área (Gaia Trust, 2021).

Depois foi criada a Gaia Education, uma entidade educacional voltada para o



desenvolvimento, sistematização, aplicação e divulgação de um currículo para o desenho de comunidades sustentáveis, buscando algo que pudesse conformar algum tipo de padrão destas iniciativas que se identificavam como ecovilas, uma parceria com o GEN. A principal contribuição da Gaia Education é o programa de capacitação interdisciplinar, chamado Educação para Design em Ecovilas – EDE, cujo objetivo é o auxílio para o desenvolvimento de comunidades sustentáveis alternativas. Um aspecto importante no currículo é que ele está disponível gratuitamente e as entidades organizadoras dos cursos com frequência angariam fundos para poder oferecer bolsas a pessoas de baixa renda (Gaia Trust, 2021).

Rede Global de Ecovilas (Global Ecovillage Network – GEN)

A Rede Global de Ecovilas é uma rede crescente de comunidades e iniciativas que unem culturas, países e continentes. Tem a missão de inovar, catalisar, educar e defender a parceria global com as ecovilas e todos aqueles que se dedicam à mudança para um mundo regenerativo. A GEN prevê um mundo de cidadãos e comunidades capacitados, projetando e implementando seus próprios caminhos para um futuro sustentável e construindo pontes de esperança e solidariedade internacional (GEN, 2021).

As metas estipuladas pela Rede Global de Ecovilas incluem colaborar com a educação de indivíduos de todas as esferas da vida, permitindo compartilhar a experiência e as melhores práticas obtidas nas redes de ecovilas e comunidades sustentáveis em todo o mundo. Atuam desenvolvendo a proteção ambiental globalmente, atuando como um grupo de reflexão, incubadora, organização parceira internacional e catalisador para projetos que agilizem a mudança para estilos de vida sustentáveis e resilientes. Promovem ainda a participação dos cidadãos e da comunidade na tomada de decisões locais, influenciando os formuladores de políticas e educando o público, para acelerar a transição para uma vida sustentável (GEN, 2021).

A Rede Global de Ecovilas está dividida por regiões, tendo representação em todos os continentes, além de um conselho e grupos de trabalho internacionais, dedicados às mais variadas áreas, o que garante a diversidade e a torna efetiva enquanto rede global. Cada vez mais a GEN vem se profissionalizando para, efetivamente, servir aos núcleos



regionais, realizando treinamentos, promovendo encontros, captando recursos, mapeando e conectando as iniciativas e difundindo soluções. A GEN vem, aos poucos, ampliando sua visão e, nos últimos anos, funciona como uma organização ‘guarda-chuva’ que articula e apoia projetos e iniciativas comunitárias que trabalham pela sustentabilidade, não apenas Ecovilas, mas comunidades intencionais, vilas tradicionais, iniciativas ligadas ao Movimento Cidades em Transição e outras experiências afins.

Fellowship for Intentional Community – FIC

A *Foundation for Intentional Community* (FIC) tem mais de 35 anos de parceria com centenas de comunidades intencionais em todo o mundo. O objetivo da FIC é apoiar e promover o desenvolvimento de comunidades intencionais como caminhos para um mundo mais cooperativo, sustentável e justo. E tornar a comunidade intencional acessível a todos aqueles que a procuram e divulgar suas soluções. Eles se baseiam em Cooperação; Resiliência; Liberação (Rosa, 2014; FIC, 2021).

Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, com o intuito de apoiar e promover o desenvolvimento destas comunidades cooperativas a partir da potencialização de troca de bens, serviços, técnicas e experiências. O diferencial em relação a outras redes é a distinção de abranger também comunidades cujo foco não seja necessariamente voltado para o meio ambiente, agregando ecovilas, cohousing, cooperativas estudantis, comunidades espirituais, entre outras (FIC, 2021).

Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis – ABRASCA

A ABRASCA foi criada em 1978 para reunir as comunidades brasileiras com o objetivo de trocarem informações, produtos e sementes, além de catalogá-las, editar boletins, promover eventos e divulgar o movimento de comunidades no Brasil. A associação surgiu da necessidade de unir as comunidades alternativas nacionais para que seus membros trocassem experiências, tecnologias, práticas ecológicas, terapêuticas e espirituais e vivências comunitárias (Britto, Espósito, 2018).

Conselho de assentamentos sustentáveis da América Latina - CASA Brasil

A CASA Brasil é o elo brasileiro do CASA Latina, o Conselho de Assentamentos



Sustentáveis da América Latina, que por sua vez é o elo latino-americano da Rede Global de Ecovilas. O objetivo é a união, o fortalecimento e a articulação das redes nacionais, regionais e latino-americanas que promovem, educam, investigam e difundem estilos de vida sustentáveis e regenerativos, propiciando o apoio mútuo, o intercâmbio de informações, sabedorias, talentos, produtos e serviços; e convocando encontros promovidos periodicamente pelas redes do CASA (Casa Brasil, 2021).

Rede Brasileira de Ecovilas – ENA Brasil

O ENA tem o objetivo de estreitar relações entre as diversas comunidades formadas, assim como aperfeiçoar e expandir o número desses assentamentos em diversos países. A Rede Brasileira de Ecovilas promove e apoia a experiência de assentamentos humanos sustentáveis, através de educação, consultoria, transferência de tecnologias, metodologias e projetos sociais no território nacional (GEN, 2021).

Movimento Brasileiro de Ecovilas – MBE

O chamado Movimento Brasileiro de Ecovilas, Permacultura e Transição Planetária – MBE fundado em 2011 em Brasília, realizam o mapeamento, cadastramento, organização e disponibilização de informações sobre as ecovilas existentes no Brasil e no mundo e tem como ideais a vida em harmonia com a natureza, a saúde, o preparo para eventuais desastres naturais, mas, acima de tudo, de se integrar a um movimento de formação de núcleos de permacultura e convivência social organizada, diferenciada do convencional, voltada para a difusão de um modelo de vida solidário, fraterno, em harmonia com as leis naturais (Britto, Espósito, 2018; MBE, 2020).

Está entre as organizações mais recentes no país, ela utiliza bastante do recurso de redes sociais para manter sua atividade de forma constante, percebe-se que os objetivos do MBE são similares aos GEN, onde pretendem fortalecer o movimento e disponibilizar uma série de informações referente ao assunto.

Foram apresentadas redes de apoio aos movimentos, onde ocorre a ligação entre elas e a troca de experiências, além do cadastro para participação dessas redes. Sendo assim, há diversas metodologias e sistemas de registros de ecovilas ao redor do mundo, mas cada sistema conta com suas próprias definições e considerações, não havendo uma



sede global capaz de realizar um levantamento único. Porém, algumas redes trabalham em parcerias com outras como a GEN e FIC.

Não existe um levantamento preciso de ecovilas ao redor do mundo e em território brasileiro, pois o cadastro em diferentes redes é definido pela própria ecovila. E como não há um guia sobre ecovilas, e tampouco um programa de certificação, cada ecovila decide de que maneira irá se identificar e onde se registrar. Há uma série de ecovilas que compartilham ideais e práticas, mas que não estão oficialmente inscritas em nenhum tipo de organização, fazendo parte informal do movimento mais amplo, porém não se privando de serem compreendidas como ecovilas.

Dimensões básicas da sustentabilidade para ecovilas

Diversos autores apresentam em suas perspectivas que a sustentabilidade pode ser vista em diferentes dimensões, enfatizam sua inter-relação e a importância delas. Apesar de as dimensões sofrerem variações de acordo com a experiência, elas estão presentes, gerando harmonia na Comunidade. De acordo com a GEN, as Ecovilas têm como atributo na busca da Sustentabilidade as extensões: cultural, ecológica, econômica e social. Assim, a GEN (2021) define os seguintes para as dimensões:

- a) Na dimensão social – os integrantes das ecovilas se sentem parte do grupo, protegidos, percebidos e com voz ativa. Todos participam na tomada de decisão, que influencia a vida do grupo e a vida particular. Nela, é importante o relacionamento com o próximo, dividindo serviços, bens, ajudando todos à sua volta, buscando a sobrevivência de maneira geral dos membros.
- b) Na dimensão ecológica – os envolvidos vivem uma relação com as plantas, animais, água, vento, solo, buscando suprir as necessidades diárias de alimentação, abrigo, roupa, comida, obedecendo às etapas da natureza. Ela prioriza a produção do próprio alimento de forma orgânica, as construções tem preferência para materiais ecológicos, e priorizam o uso de energias renováveis.
- c) Na dimensão cultural/espiritual – os integrantes prestigiam os seres vivos e a terra, bem como a manifestação artística e cultural e a diversidade espiritual. Nessa dimensão, a criatividade é expandida para todos, manifestações artísticas, trabalhos culturais, ritos e celebrações, senso de ajuda mútua, levando em consideração a singularidade de cada



comunidade, além da ligação entre todos os elementos da vida da terra e do espaço comunitário, buscando um mundo melhor.

d) Na dimensão econômica – as comunidades podem criar os sistemas de troca e as moedas. Nessa dimensão, o objetivo é gerar e manter o dinheiro na Comunidade, passando pelas mãos da maioria das pessoas, investindo em instituições locais.

PRÁTICAS ECOLÓGICAS

A dimensão ecológica da sustentabilidade trata da preservação e manutenção dos recursos naturais e da vida, por meio do desenho ou da implantação de uma comunidade, assim como seus impactos, através do uso de materiais e tecnologias renováveis, respeitando a capacidade de recuperação dos ecossistemas naturais e buscando equilíbrio nas relações (Boff, 2012).

Muitas práticas estão em processo de experimentação, e poucas em consolidação. A dispersão de informações, a limitação de trabalhos científicos sobre o tema e a dificuldade de contato direto, mesmo à distância, resultam em desconhecimento de boas experiências, enquanto outras ainda não foram consolidadas. Isso demonstra que a realidade das ecovilas brasileiras ainda não é claramente definida, embora a interação e conexão entre elas e entre os pesquisadores do tema estejam em andamento.

Os exemplos aqui expostos resumem diversos aspectos de sustentabilidade vistos em ecovilas brasileiras. De modo geral, cada experiência consegue desenvolver melhor a sustentabilidade nas dimensões mais ligadas à sua própria filosofia e propósito enquanto comunidade. Dentre as práticas ecológicas comuns das ecovilas, podemos destacar: o compartilhamento de instalações e recursos; a redução e conscientização do consumo e da geração de resíduos; a produção de alimentos e energia; o tratamento de resíduos; e o consumo de produtos locais/regionais.

Um exemplo de compartilhamento é o design de moradias em *cohousing* (bastante comum em ecovilas europeias e dos EUA), é um modelo de assentamento humano, que promove a concentração da área construída e um alto grau de compartilhamento de instalações e tarefas (cozinha, banheiros, escritórios, lavanderia, biblioteca, espaços de recreação etc.) (Britto, Espósito, 2018; Litfin, 2014). Mas, mesmo onde não há *cohousing*, costuma existir sempre algum grau de compartilhamento, gerando considerável economia



de recursos naturais.

Ao se falar em moradias, a arquitetura do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado – IPEC opta pelo bioclimatismo e utiliza métodos construtivos que estão em harmonia com a natureza; materiais recicláveis como vidro de carro e garrafas e materiais naturais existentes no local e entorno como terra, madeira abandonada ou bambu, objetivando o respeito aos ciclos da natureza e diminuindo a geração de resíduos no ambiente natural. No local há diversidade dos métodos construtivos, indo da taipa de pilão a fardos de palhas, passando pelo adobe, superadobe, bambu, pedras e solo cimento para estrutura e fechamento das construções. A preocupação com o bom uso dos materiais é tanta que há dentro do IPEC uma fábrica de tijolos de adobe para serem produzidos e utilizados pela própria ecovila (Rainho, 2006). O IPEC também faz uso de pedras abundantes da região, utilizando-as em pisos, escadas, jardins, estruturas de edificações e construções em si. Ou com pedras vindas de uma pedreira após serem consideradas resíduos não-aproveitáveis (Rainho, 2006).

Na ecovila Piracanga – BA, as tecnologias utilizadas nas construções são mistas, com alvenaria de bloco cerâmico, estrutura em madeira de eucalipto e cobertura de piaçava ou telha cerâmica. Mas também estão em fase de experimentação de novas alternativas, empregando o bambu, o bloco de solo cimento, a madeira de reflorestamento ou de demolição, o ferro-cimento, ou material reciclado como garrafas plásticas e/ou de vidro na alvenaria (Nunes, Andrade, 2017).

As possibilidades apresentadas quanto ao quesito instalações e recursos utilizados apresentam uma variedade de materiais e formas de utilização, variando também em relação aos materiais disponíveis nas regiões onde se encontram instaladas as comunidades, demonstrando as diversas possibilidades para a aplicação dessas técnicas nas diferentes comunidades, permitindo também a adequação do método baseado nos princípios aplicados por elas.

Uma alternativa para a redução e conscientização do consumo e da geração de resíduos utilizadas em algumas ecovilas, consiste em separação e encaminhamento correto dos resíduos sólidos, tratamento dos efluentes líquidos com fossas ecológicas, os quais são sistema de tratamento de esgoto no qual é feita a separação e transformação de matéria orgânica contida no esgoto, que permite com que a água tratada possa ser



reutilizada, tanto para irrigação de plantas ou até mesmo para lavar varanda e garagem, como o utilizado na Ecovila Piracanga – BA (Flores, Trevisan, 2017).

Outra opção para redução e reaproveitamento é o sanitário seco ou compostável, utilizado no IPEC, que, ao invés da água, utiliza a adição manual de serragem para os dejetos humanos ficarem livres dos agentes patogênicos que causam doenças, e posteriormente se transformem em adubo orgânico para a plantação (Rainho, 2006).

Ao se falar de tratamento de resíduos, as opções são a coleta seletiva e a utilização de composteiras. Em Piracanga, faz-se a coleta seletiva, onde o morador é responsável pelo destino final do seu lixo. Para os resíduos orgânicos e papel enviados para as composteiras e reutilizados como composto orgânico nas plantações. E os outros materiais, como plásticos, vidros e metais, cada morador é responsável por levar às associações de reciclagem. Na fundação Terra Mirim, somente se faz o uso de processamento dos resíduos orgânicos, no esquema de reciclagem por meio de composteiras e minhocários, convertidos em fertilizantes. Na comunidade Campina, os resíduos orgânicos são levados para a composteira. Os outros resíduos sólidos são separados na forma: orgânico x inorgânico, seco x molhado, reciclável x dispensável. O papel higiênico é enterrado. Já o plástico, o vidro e o metal, o processo é o mesmo utilizado em Piracanga (Nunes, Andrade, 2017; Rainho, 2006).

Quando os assuntos tratados são redução, conscientização e o tratamento de resíduos, as opções não são tão abrangentes quanto às diferentes possibilidades utilizadas nas instalações. As técnicas utilizadas são baseadas basicamente nos mesmos modos, como compostagem e separação de resíduos e conscientização para o consumo mais consciente das matérias-primas.

Em termos de gestão de águas, o abastecimento pode se dar por captação de água da chuva ou por poços artesianos. No IPEC, o abastecimento de água se dá somente por água da chuva, sendo coletada dos telhados das construções e armazenada em reservatórios circulares de ferrocimento fechados. Em Piracanga, o abastecimento se dá por meio de poços artesianos, que bombeiam água para os reservatórios, e há pouca incidência de captação de água da chuva, devido aos telhados serem de piaçava, deixando a água com um tom escuro. Já na Comunidade Campina, a água provém de nascente da serra através da gravidade ou do rio que passa próximo à comunidade (Nunes, Andrade,



2017; Rainho, 2006).

Como solução para as águas cinzas e negras, as ecovilas podem utilizar os círculos das bananeiras, as bacias de evapotranspiração, ou fossas sépticas com filtro biológico. No IPEC, o tratamento de esgoto é feito através das camas de tratamento biológico ou dos ecossistemas vivos. A comunidade Campina e Piracanga experimentam os círculos das bananeiras, bacias de evapotranspiração, sanitários secos (e sanitário seco integrado ao cultivo de minhocas – minhocário), além de fossas ecológicas. Em Terra Mirim, usa-se a fossa tradicional tipo sumidouro, que, pelas distâncias entre elas, não prejudica o lençol freático, nem o rio recuperado em seu território (Nunes, Andrade, 2017; Rainho, 2006).

A utilização e reaproveitamento de água são poucas opções, podendo ser nascente, água de chuva e até mesmo poços artesianos. Mas a forma de reaproveitamento da mesma se dá de formas diversas, quando separadas em águas cinzas e negras, podendo ao final do tratamento ser utilizada em outras partes da comunidade.

Quanto à geração de energia, as ecovilas têm os mais variados tipos, abastecidas por concessionárias locais (Terra Mirim-BA) ou realizada por meio de captação solar (Piracanga-BA). As ecovilas também priorizam que as construções possuam iluminação natural e ventilação cruzada, para evitar o consumo energético. Na ecovila Piracanga, eles evitam o uso de eletrodomésticos e ar condicionado, substituindo por geladeiras a gás ou soluções manuais, e adotam lâmpadas fluorescentes e LED. A Comunidade Campina – BA, também capta a energia solar, não usa eletrodomésticos e utiliza latovelas (lanternas com velas) ou lampiões para iluminação à noite em suas casas (Nunes, Andrade, 2017).

Nas práticas de produção de alimentos, os alimentos são produzidos através de alternativas limpas, como os produtos orgânicos, sem uso de agrotóxicos. As comunidades que não produzem, procuram obter a alimentação o mais próximo possível, muitas vezes desenvolvendo redes locais/regionais, como por exemplo os modelos de agricultura sustentada pela comunidade (Community Supported Agriculture - CSA), em que se criam parcerias com agricultores locais responsáveis social e ecologicamente, como observado por Kirby (2003), Litfin (2014), Cunningham (2014), Newman e Nixon (2014) e Lockyer (2010b).

Para a redução de gastos de recursos e aproveitamento, as ecovilas dispõem de



produção local (agroecológica) de alimentos para o consumo ou para a comercialização na região (Litfin, 2014). Esses alimentos são dos mais variados para auxiliar na alimentação de toda a comunidade, e os itens não produzidos são adquiridos em outras comunidades locais, dando preferência para produtos de produção orgânica. O consumo e produção nas ecovilas sempre priorizam o uso de insumos produzidos pelos próprios moradores, ou de outras comunidades, mas sempre utilizando alimentos produzidos de forma natural e orgânica.

Independente da dimensão principal seguida pelas ecovilas, percebe-se que as práticas e tecnologias adotadas tendem a apresentar estilos de vida ecologicamente mais sustentáveis que a sociedade convencional. Dando prioridade às práticas que causam o menor impacto possível no meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que as ecovilas são uma escolha para a harmonia da natureza e do ser humano. Mesmo sem uma diretriz única a seguir, as comunidades sustentáveis aparecem como um modelo positivo, redefinindo a forma de viver a partir de uma transformação. Os resultados obtidos nessa pesquisa podem auxiliar no aprimoramento de comunidades já existentes, assim como no planejamento de novas iniciativas. As práticas ecológicas apresentadas se mostram como alternativa e exemplo viável para outras ecovilas, demonstrando que outras comunidades que desejam fazer mudanças dos hábitos ligados à dimensão da sustentabilidade, são capazes de realizar sem grandes mudanças na estrutura da coletividade e sem grandes custos.

É evidente que, mais relevante que os hábitos do lugar, é a percepção de quem habita nestas comunidades. A definição da ecovila como condomínios sustentáveis baseados em cooperativismo, compartilhamento e permacultura provoca, na prática, atitudes específicas resultantes da conceituação e dos pilares da sustentabilidade. Os pilares da sustentabilidade, social, econômico, ecológico e cultural, mesmo diferentes, têm igual importância, sendo concebidos em uma comunidade que visa o avanço sustentável, englobando as diretrizes que fundamentam a existência das ecovilas.

Portanto, as Ecovilas têm sua importância para a necessidade de conscientização e pensamento crítico, se tornando um modelo de sustentabilidade e de práticas de



convívio para serem seguidos. Sendo que, na perspectiva de sustentabilidade, promovem um sistema concebido nas diretrizes de controle de energia, água, reaproveitamento, conservação, relações humanas e culturais, edificação sustentável e soluções formais e construtivas. Ao término da pesquisa, espera-se que o trabalho seja um incentivador a todas as pessoas e ecovilas para agirem e iniciar uma mudança em direção à consciência ambiental, com objetivos coletivos que estimulem a construção de uma sociedade progressivamente mais autossustentável.

REFERÊNCIAS

BANG, J. M. **Ecovillages: a practical guide to sustainable communities**. Gabriola Island: New Society Publishers, 2005.

BRAUN, R. **Desenvolvimento ao ponto sustentável: novos paradigmas ambientais**. Petrópolis: Vozes, 2001. 183 p.

BRITTO, A. L. R; ESPÓSITO, F. **Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1612287_2018_completo.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

BONFIM, I. G. **A sociedade no século XXI e a relação com a (in)sustentabilidade e a ética ambiental: estudo de modelos – comunidades de algumas regiões do Brasil da Espanha e Portugal, como exemplo de Sustentabilidade e Ética Ambiental**. Tese (Doutorado) – Universidade de Salamanca. Departamento de Sociologia e Comunicação, Salamanca. 2010. Disponível em: http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/83239/1/DSC_GomesBonfim_Iraci_Sociedade.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CASA BRASIL – Conselho de assentamentos sustentáveis da América Latina. **Página institucional**. Disponível em: <https://www.redecasabrasil.org/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CUNNINGHAM, P. A. Exploring the efficacy of consensus-based decision-making: A pilot study of the Cloughjordan Ecovillage, Ireland. **International Journal of Housing Markets and Analysis**, v. 7, n. 2, p. 233-253, 2014. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IJHMA-06-2013-0040/full/html>. Acesso em: 30 mar. 2020.



DAWSON, J. **Ecoaldeias**: novas fronteiras para a sustentabilidade. 24 ed. Águas Santas: Edições Sempre – Em Pé, 2006.

ESTRELA, C.C.; POTT, C. M. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Scientific Electronic Library Online [online]**. v. 31, n. 89, p. 271-283. 2017. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100271.
Acesso em: 30 mar. 2020.

FIC – FELLOWSHIP FOR INTENTIONAL COMMUNITIES. **Página institucional**. Disponível em: <https://www.ic.org/directory/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORES, B. N. e TREVISAN, S.D.P. Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: uma avaliação de Piracanga, Bahia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 29, n. 3, set./dez., 2017, p. 459-471.

GAIA EDUCATION. **Educação para o design de ecovilas**. Versão 5. Gaia Education, 2012. Disponível em: <https://gaiaeducation.org/wp-content/uploads/2017/02/EDE-Curriculum-v5-Portugues.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

GAIA TRUST. **Página institucional**. Disponível em: <https://gaia.org/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GEN – GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. **Página institucional**. Disponível em: <http://gen.ecovillage.org>. Acesso em: 15 jun. 2021.

INGLEHART, R. F. **Culture shift in advanced industrial society**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

JACKSON, H. **What is an Ecovillage?** 1998. Disponível em: <https://www.habiter-autrement.org/05.eco-village/contributions-05/What-is-an-Ecovillage-Hildur-Jackson.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

JACKSON, H.; JACKSON, R. **Global eco-village network history, 1990-2004**. Copenhagen. GEN, 2004. Disponível em:
http://www.gaia.org/mediafiles/gaia/resources/HJackson_GEN-History.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.

KIRBY, A. Redefining Social and Environmental Relations at the Ecovillage at Ithaca: A Case Study. **Journal of Environmental Psychology**, v. 23, n. 3, p. 323--332, 2003.

LITFIN, K. **Ecovillages: lessons for sustainable community**. Cambridge: Polity Press, 2004.
Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento • Belém • v.18 , nº02 • p. 03-22 • jul-dez 2024



2014, p. 224.

LOCKYER, J. Intentional Community Carbon Reduction and Climate Change Sction: from Ecovillages to Transition Towns. In: PETERS, M., FUDGE, S. E JACKSON, T. (ed.). **Low carbon communities: imaginative approaches to combating climate change locally**. Cheltenham, UK., Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing Limited, 2010b. p.197-215.

LUCCI, E. A. **A era pós-industrial, a sociedade do conhecimento e a educação para o pensar**. 2010. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vidlib7/e2.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.

MATTOS T. Ecovilas: Tecendo a Cultura Regenerativa. In: MAJEROWICZ, I. ; TOGASHI, R.; VALLE, I. (org) . **Ecovilas Brasil: caminhando para a sustentabilidade do ser**. Rio de janeiro: Ed. Bambual, 2017. p. 240.

MBE – Movimento Brasileiro de Ecovilas. **Página institucional**. Disponível em: <https://mbecovilas.wordpress.com/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

NEWMAN, L.; NIXON, D. Farming in an Agriburban Ecovillage Development. **SAGE Open**, v. 4, n. 4, 2014.

NUNES D.; ANDRADE K. **Panorama de algumas ecovilas baianas segundo princípios de sustentabilidade**. urbBA[17] URBANISMO EM COMUM: novas formulações do urbanismo enquanto tecnologia social. Anais do Seminário, Salvador, 2017. Disponível em: <https://urbba17.wixsite.com/urbba17/trabalhos-completos>. Acesso em: 03 ago. 2021.

PIRES, C.V. **Ecoaldeias: construindo alternativas – estudo exploratório do movimento social das Ecoaldeias através do Global Ecovillage Network, Tamera e Los Angeles Ecovillage**. Dissertação (Mestrado) - Instituto Superior das Ciências e do Trabalho, Universidade de Lisboa. Departamento de Antropologia, 2012. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/4991/1/master_cristiana_vale_pires.pdf. Acesso em: 03 ago. 2021.

RAINHO, L.C.S. **As tecnologias ambientais nas ecovilas: um exemplo de gestão da água**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Arquitetura, 2006. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/665193.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ROSA, L. M. V. **Inspirações e aspirações do Marizá Epicentro (Tucano, BA): as contribuições de uma ecovila no panorama socioambiental brasileiro**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Ambientais e Conservação, Rio de Janeiro, 2014.

Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento • Belém • v.18 , nº02 • p. 03-22 • jul-dez 2024



ROYSEN, R. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31072013-114650/publico/roysen_me.pdf. Acesso em: 16 abr. 2020.

SANTOS JR., S. J. Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. *In*: ENCONTRO DA ANPPAS, 3. Brasília, DF: 2006. Disponível em: http://www.recriarcomvoce.com.br/blog_recriar/ecovilas-e-comunidades-intencionais-etica-e-sustentabilidade-no-viver-comtemporaneo/. Acesso em: 27 jul. 2021.

SVENSSON, K. What is an ecovillage? *In*: JACKSON, H.; SVENSSON, K. (ed.). **Ecovillage living**: restoring the earth and her people. Devon: Green Book and Gaia Trust, 181 p. 2002.

THEIS, I. M. A sociedade do conhecimento realmente existente da perspectiva do desenvolvimento desigual. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Paraná, v. 5, n. 1, p. 133-148, 2013.

